



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016  
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

## LUZES DA CIDADE E EXPERIÊNCIA DE LIMIAR

Roberto Cordeiro Sanches  
Orientador: Evaldo Luís Pauly  
Centro Universitário La Salle

**Resumo:** Seguindo a temática de Walter Benjamin: da vida moderna e a cidade experiência de limiar vivida nas passagens, desvelamos um pensamento sobre a temporalidade, num entrecruzamento entre lembrar e despertar, revelando uma via de iluminação profana.

**Palavras-chave:** *modernidade, passagem, experiência de limiar.*

**Área Temática:** Educação

Esse artigo visa discutir, a partir dos efeitos da modernidade no espaço urbano e na transformação da subjetividade, a problemática da experiência de limiar e das passagens, permitindo-nos conhecer as concepções de tempo e espaço que nos abrem a perspectiva da mística e do messianismo benjaminiano utilizando da imagética urbana tal como desenhada pelo autor. Como metodologia adoto uma pesquisa bibliográfica, em que através dos textos consultados compusemos uma análise interpretativo-reflexiva buscando contribuir para um pensamento que pense o processo histórico e a subjetividade no ambiente da cidade.

Na cidade, quando caminhamos, nos situamos em um movimento permitido e guiado pela relação entre a calçada e a rua, impondo ao nosso andar para frente à linha reta que espacializa nosso direcionar no mundo e o ordena. O desenho das ruas, das quadras e das avenidas constitui-se numa geometria estabilizadora, onde a sucessão de edifícios ou espaços, mais ou menos, abertos criam uma rítmica visual e uma imprevisibilidade previsível. Ao frequentarmos uma rua antes vemos o que vamos encontrar em termos de formas construídas e dispostas num ritmo misturadas à situação vivida, ao inevitável do fluxo humano inquieto e instável, sujeito às mudanças de rumo ou ao encontro com o outro transeunte em movimento retilíneo, porém não totalmente controlável, trazendo a expectativa de incerteza na sua trajetória. Mesmo numa avenida aberta à caminhada dos pedestres fazemos um movimento de ziguezague, sinuoso, a atravessamos diagonalmente cruzando a linha reta, tornando-a apenas uma referência a ser desmanchada pelo passo incerto, não reto. Portanto, se a cidade ordena o nosso movimentar ela também é o signo labiríntico da errância, das voltas e reviravoltas do vivido, irrompendo na instabilidade do momento. A cidade mistura ordem e desordem. Essa imagem de uma caminhada em linha reta conduzida pela estrutura arquitetônica das ruas já é uma experiência naturalizada do nosso viver em cidade, em pleno século XXI, pois nos habituamos à estesia da regularidade. Buscamos em Benjamin a reflexão sobre o viver na grande cidade e o impacto das transformações urbanas e culturais na Paris do século XIX.

Capitalismo e revoluções tecnológicas se associam numa atmosfera alucinatória, pois construções em vidro, ferro e iluminação artificial – a gás ou elétrica - produzem efeitos de irrealidade, em que dominam hibridizações das coisas naturais e técnicas. Paris no século XIX se torna o ícone da modernidade e da concretização das inovações tecnológicas que se transformam em elementos do dia a dia aumentando por contraste a sensação de maravilhoso e ilimitado reelaborando a experiência passada e a ultrapassando. A passagem ou galeria, no dizer de Benjamin, é um mundo em miniatura, no dizer de Benjamin para onde tudo converge, figurando-a, assim, como o verdadeiro núcleo da metrópole capitalista moderna. E no interior desse núcleo, claro, a *mercadoria*. O flâneur é o conhecedor dos mistérios das ruas de Paris e de suas passagens. Rouanet (1993) nos esclarece como ele se torna na memória da cidade.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016  
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

Graças à passagem o flâneur consegue lembrar-se da sua história individual e da história coletiva em que ela está imersa [...] lembra-se da moda porque uma das condições sociais do aparecimento das passagens foi a indústria têxtil, e porque era nas passagens que as modistas floresciam. Lembra-se do jogo porque os cassinos se localizavam nas passagens, lembra-se da imagem da cidade como um espelho [...] um dos aspectos da ambiguidade das passagens vem de sua riqueza de espelhos que ampliam feericamente os espaços e dificultam a orientação. Lembra-se dos panoramas. Lembra-se da iluminação que parecia emanar das fadas da caverna. Lembra-se do mundo subterrâneo – catacumbas nas passagens. De dia as ruas se assemelham a consciência desperta. De noite, e são as passagens que nos conduzem aos subterrâneos da alma. (ROUANET, 1993, p. 49-51)

Benjamin concretiza na figura do flâneur o ponto de mudança e ao mesmo tempo aquele que articula a memória e a inovação. Ele tem a experiência do choque e do movimento, acelerado e nervoso das pessoas nas ruas, parecendo agitar-se como um turbilhão. A vivência do choque é o modo como a percepção é organizada no ambiente arquitetônico de uma cidade industrial. Ela induz o transeunte a vincular-se na situação imediata, prisioneiro de um vivido irrefletido e apressado.

O flâneur é associado com o artista, que caminha na rua para farejar as ideias e criar, tendo como modelo Baudelaire que é um observador das pessoas e dos tipos da rua. Com sua capacidade de ler a cidade e sua história ele transforma um momento aparentemente banal em uma revelação de seus segredos mais profundos. A cidade é comparada com uma selva em que se perder pode representar perigo e danação. O flâneur é como um senhor do labirinto, que sabe explorar novos caminhos, novos ângulos e descobrir a riqueza e a variedade da fauna humana que se movimenta tão afanosa pelas vias cotidianas de trânsito. Ele intui o movimento humano no meio do fluxo desordenado dos cidadãos. Sendo Baudelaire o protótipo dessa figura urbana e artística, suas caminhadas solitárias pela cidade inspiraram o movimento surrealista na figura de Breton que propõe a deambulação sem objetivo ou caminho definidos com o intuito de promover a irrupção do acaso, do maravilhoso no cotidiano e do cotidiano no maravilhoso e, cujo deambular era realizado em grupo. O flâneur escapa da condição do trabalhador assalariado, que vive no movimento cego da massa. Ele pode se tornar um jogador, detetive ou jornalista, ele joga no contrafluxo da normalização da sociedade organizada, mas no limite pode se tornar um mercador de miudezas ou segredos escondidos nos escaninhos e nos recantos da cidade. Perscrutador de tipos, vidas e comportamentos, de lugares sombrios, mal vistos ou inusitadamente reveladores de uma faceta inquietante da condição humana.

Nesse movimento estranho e ao reverso da população trabalhadora ele assume a condição do viajante. A viagem do *flâneur*, o viajante de W. Benjamin “é simultaneamente objetiva e fantástica”, pois ela “está a meio caminho entre a vida real e o delírio, ou antes, entre dois níveis de realidade, a desperta e a onírica”. Na concepção de Rouanet (1993, p. 52) “a modernidade é ao mesmo tempo noturna e diurna, sonhada e real, e o *flâneur* a percorre nos dois registros.”.

É essa capacidade fabuladora, figurativa que é mobilizada por aquele que circula pela cidade, nesse sentido ele revela o que no real cerca de perto o ficcional. O flâneur mostra o não consciente coletivo da cidade trabalhada a partir do seu próprio inconsciente com a captação dessas imagens fantásticas encenadas nesse imenso teatro que são as ruas urbanas e populosas. Aguçando os seus sentidos, ele se habilita a enxergar as fisionomias transitórias, os passantes visto como imagens, fragmentos de vida e sonho. Walter Benjamin conseguiu perceber no flâneur essa nova forma de relação com o mundo ágil e rápido, múltiplo e em transformação, ao mesmo tempo em que estranho e, de formas e comportamentos intrigantes. Ele nos ilumina uma possibilidade de ser artístico e criativo diferente dos padrões clássicos e



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016  
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

também em contraposição ao mecanicismo e à repetição da manufatura industrial. Segundo Brissac “o anonimato na metrópole coage a decifrar, em cada rosto, o caráter, as intenções, os sentimentos. (...) Aquilo que com a fisiognomonia, (...), significava descrever o percurso de uma vida, o caráter e a identificação de humores e paixões humanas”. (BRISSAC apud BIONDILLO, 2014, p. 34).

Benjamin compara essa disponibilidade do flâneur em relação à multidão com a embriaguez do indivíduo que se mistura com o coletivo, o que contribui para solapar a lógica e os limites entre as coisas. Seguindo essa tópica do limiar ele associa a prostituição e o jogo com as soleiras e as portas, umbrais de sonho nos espaços da cidade evocando os passos e o passante que os atravessam na sua busca de realização de desejos e fantasias reprimidos e irrealizados. Mas o flâneur está submetido também ao que Benjamin chamou de inchaço da massa amorfa e sem propósito, ele pode se perder nela e se confundir com sua falta de identidade, ou facilidade de ser manobrada de fora, também pode vivenciar aí uma experiência de entorpecimento e de desbordar dos limites da sua personalidade. Benjamin (1989) aproxima a flânerie do estado de embriaguez relacionando-a com o uso que Baudelaire faz de entorpecentes, associando:

a proliferação da mercadoria e seu encanto ao estar em meio à multidão que pode provocar prazer momentâneo no *flâneur* – mantendo subliminar o seu efeito social – produto do entorpecimento causado pela massa. Ela é o mais novo alucinógeno do solitário, pois ela apaga todos os rastros indivíduo. (BIONDILLO, 2014, p. 95)

O flâneur está sempre no limiar da exaltação do entorpecimento ou na desaparecimento do seu eu na inconsciência do prazer, cegamente estimulado pela indeterminação do consumo.

O *flâneur* é expressão dessa psicologia [de massas], uma vez que ele ao mesmo tempo em que tenta manter sua integridade física, sua individualidade e poder de decisão em meio à multidão, celebrando-a, também a despreza na mesma proporção, pois sabe que é uma questão de tempo o vir a transformar-se em mais um passante a ser arrastado e desindividualizado. (BIONDILLO, 2014, p. 96)

Benjamin parte de uma analogia com a experiência da sociedade, produtora de mercadorias e, a do sonho do indivíduo com a premissa de que é possível transmitir do indivíduo ao coletivo a experiência flutuante dos estados de consciência em que ele concebe as figuras de uma determinada experiência histórico-social como figuras oníricas. Constatamos que as passagens, a flânerie, o espaço labiríntico da cidade, a arquitetura, a moda e as figuras emergentes da massa são imagens de um sonho coletivo que pedem para serem interpretadas, elas representam a potência do capitalismo em criar e recriar mitos e mobilizar desejos ilimitados. Benjamin vê nesse sonho coletivo uma força voltada ao passado com base na própria experiência presente, como propulsora do século XIX. Nos termos benjaminianos de uma reflexão histórica, o *flâneur* pode ser entendido como a caracterização do protetor do limiar que se forma entre o eterno, o sagrado, o longínquo da tradição, o transitório, o profano e o imediato da modernização. Em outras palavras: o *flâneur* é aquele que “percebe” o distanciamento da transmissão da experiência tradicional.

Para Biondillo (2014) *ele* é um ser errante e está irmanado não somente à própria individualidade, mas aos anseios e sonhos da coletividade.

### **Espaços de limiar, Tempo de despertar**

Mas quais referências de espaços de limiar estão localizadas no território urbano? Paris à época de Benjamin ainda mantinha alguns dos portões, resquícios da cidade murada, resta o umbral, limite entre dois infinitos. O Arco do Triunfo, erguido em homenagem às



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016  
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

campanhas de Napoleão Bonaparte assemelha-se ao arco do triunfo romano que transforma o general que retorna em herói triunfal. Além desses espaços urbanos mais evidentes, Paris possui uma série de catacumbas e subterrâneos que foram esconderijos de revoltosos e que mantém as marcas de sua ocupação, sem falar nos esgotos, que são como um submundo, uma contraparte maudite e escondida do burburinho mundano da superfície de Paris.

A monumentalização da cidade permite uma viagem no tempo, manifestando-se numa estrutura arquitetônica que se abre para o passar, o ultrapassar e que é um retorno ao passado e onde o eu se transforma em outro.

Com essa imagem de “Entrada de Luís XVIII em Paris”, de pintor anônimo, sentimos o peso da monumentalidade e da importância da passagem, do limiar, vemos materializado um momento de consagração em que o rei volta à capital após a derrota de Napoleão em batalha, quando foi restaurada a monarquia. É possível perceber o que Matos (2015) salienta, ou seja, que as portas de demarcação e as portas triunfais referem-se ao sonho, elas celebram vitórias, guerras e massacres, nelas vagam os espectros pelo espaço urbano constituindo o rastro e a ruína. Elas afetam os que cruzam o seu limiar instaurando um tempo qualitativo em um passo a mais no vazio, na ação de passar e toda a história poderia ter acontecido na contração de um instante, em uma percepção simultânea.

O espaço se virtualiza em tempo que volta, que é recordação, que já não é mais e que se abre para outra possibilidade de ser, não estando mais vinculado a um antecedente e um conseqüente como numa linha de sucessividade, mas é a consagração do instante transformador. Benjamin, lendo esses limites a partir das portas, das soleiras dos umbrais, chega a uma experiência de limiar que não necessita mais de um monumento erigido como divisória, o limiar então, no dizer de Matos (2015) oscila entre o desaparecimento de algo e sua sobrevida como vestígio, as passagens são o monumento do não mais ser. O limiar como monumento do passado é ruína, é marca do que restou de vívido, recuperado apenas pela memória, sob o aspecto de cristal pode ser lido como fragmento, pedaço evocativo incompleto, imagem fugaz pela qual apenas passamos, atravessamos com os nossos passos e que torna lento o nosso pensar, aparecendo por instantes, relembrando o que nos aconteceu, ou o acontecido histórico, testemunho mudo dos perdedores da história.

Matos (2015, p.113) ainda pontua a poética da espera, “Não os demarca nenhum degrau de pedra, mas sim a atitude de expectativa de algumas pessoas. Passos parcimoniosamente medidos refletem sem que as pessoas o saibam, que se está diante de uma grande decisão.”.

Este instante decisivo é o limiar entre liberdade e destino, entre catástrofe e redenção, antes do qual nada aconteceu e depois do qual tudo estará perdido. Assim como o momento oportuno conduz a kairós e a Cipião, o Africano, que grita a senha da vitória com presença de Espírito, a ocasião perdida é catástrofe sem remissão (...). (MATOS, 2015, p. 113).

Saímos da inscrição de pedra, do monumento e entramos no território do tempo, na ação, no que ela contém de espera, de indeterminação. Configura-se no espaço um rito de passagem associado à morte, ao nascimento e à transformação. Ele se constrói no sujeito que conjuga o tempo como demora, como perigo, como destino. Experiência de limiar. Neste momento do artigo chamo D’Agostino (2006) que irá contribuir com a reflexão sobre a paisagem clássica, compromissada com a perspectiva geométrico-matemática e com a proporcionalidade comedida, implicando um horizonte como definição e termo. Em contraposição a essa matematização controlada, há outra possibilidade na definição do horizonte:

Linha de horizonte... uma e outra palavras, a despeito da evidência, evocam noções não muito engrenadas aos seus equivalentes nomeados no estofo do sensível: esta linha, não participe como representação abstrata do limite entre dois corpos, desloca-se para o



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016  
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

horizonte, se afastando igualmente do skyline, da silhueta, da veduta [vista, perspectiva ] ou mesmo do próprio **horizonte vislumbrado como alvo ou meta para se alojar na difusa fronteira do ilimitado.** (D'AGOSTINO, 2006, p. 72).

Retomando o pensamento sobre a geometria e a cidade, propomos que para além das linhas retilíneas, do reordenamento do espaço é tanto uma imagem de ordenamento quanto de ilimitado, ela proporciona uma experiência de limiar, é a experiência da linha do horizonte, do ilimitado no limitado. Essa concepção de horizonte esteve comprometida na Renascença com a construção, na visão de Derrida, de um horizonte que apela para uma crença orientada, apoiada no pensamento de um além permanente, na espera de seu futuro sempre, os quais estão ligados a ideia reguladora kantiana ou o advento messiânico ao que ele contrapõe que em grego, horizonte, é ao mesmo tempo a abertura e o limite da abertura que define ora um progresso infinito, ora uma espera.

Nesse ponto, aproximando a problemática do limiar ao horizonte, vemos que em Benjamin, a experiência de limiar acontece no instante intensivo, na passagem, as portas sendo como fendas, espaços exíguos do brilho de uma luz, o ilimitado contido num ponto, num vibrar, numa espera momentânea e decisiva, como o brilho de um vagalume. Segundo Didi-Huberman, Benjamin:

(...) trata de uma imagem lacunar do futuro, e não de um grande horizonte de salvação ou de fim dos tempos.<sup>113</sup> A famosa “porta estreita” do messianismo, em Benjamin, mal se abre: “um segundo”, diz ele. Mais ou menos o tempo que é preciso a um vaga-lume para iluminar – para chamar - seus congêneres, pouco antes de a escuridão retomar seus direitos. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.86).

A espacialidade, o skyline da cidade, os monumentos ainda que nos induzam à linha reta, ao lançamento para adiante de si, à visão panorâmica e racionalizadora do espaço, facilitando o fluxo de gentes e mercadorias, o ilimitado sendo trazido para o nosso campo visual, acomodado às necessidades dos negócios e dos automóveis, é, em realidade, preenchido com as propagandas e as luzes das mercadorias, espetacularização que nos inunda com a sua ilusão programada, e que distrai o nosso caminhar. É quando ao passear, flanando e escapando ao acúmulo da multidão e descobrindo, nesse instante, a história o espaço se abre em limiar, uma espera instável e fugidia, ao invés de uma luz perene de sol ao horizonte. Tal sentido do espaço na Urbs capitalista tem no tempo uma correspondência, a partir de uma quebra da linearidade do tempo sem volta, de matriz judaico-cristã, o tempo que marcha para a salvação e a redenção absolutas, tempo do progresso infinito.

O tempo linear é o tempo dos vencedores da história naturalizada que precisa ser interrompida: “A continuidade da história é a dos opressores” e “a história dos oprimidos é uma descontinuidade”

O presente não é para nossos pensadores um “instante pontual” (...) (mas uma porta que se abre para a suspensão (*Aufhebung*) e a superação do tempo, uma porta que nos leva tanto ao passado como ao futuro e permite um entrecruzamento completo entre as temporalidades assim como inversões das relações de tempo, permitindo ao passado estar “pleno de agora (*Jetztzeit*) e fazer-se presente no presente que ganha o caráter de uma recordação - o presente é um “eco” do passado - e o futuro “será visto não como normalmente o que vem até nós, mas o que já esteve entre nós, como uma espécie de passado que nos ultrapassou” ou como a



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016  
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

“possibilidade do por-viver que perdemos (*versäumen*) no passado”.  
(CROMBER, 2002, p. 45).

Para retirar do sono e dos sonhos das fantasmagorias produzidas pelo desfile das mercadorias e pela espetacularização urbana, Benjamin fala no despertar a partir dos espaços de limiar em que se concentram o passado. A rememoração, a quebra da linearidade racionalizante, da repetição do mesmo sob a figura do novo, aparece o trágico da exploração humana, da limitação, mas é justamente o limiar que expõe sob o novo a sua superficialidade e que permite unir passado, presente e futuro da libertação. O passado revisitado no presente a partir do fragmento, do espaço de memória, sob a indeterminação das zonas de passagem, cinzentas, com mistura de percepções e valores, ruína e esperança se interpenetram na cintilância que condensa o rememorar e o despertar do sonho em um evento de iluminação profana.

## Referências

BIONDILLO, Rosana. **Walter Benjamin e os caminhos do flâneur**. Dissertação de mestrado, Unifesp, São Paulo, 2014. Disponível: <<http://ppg.unifesp.br/filosofia/dissertacoes-defendidas-versao-final/dissertacao-rosana-biondillo>>. Acesso em 15 dez. 2015.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

CROMBERG, Monica Udler. **Tempo e história: algumas aproximações acerca do presente em Walter Benjamin e Martin Buber** in Cadernos de filosofia alemã 8, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/69484>>\_Acesso em: 15 dez. 2015.

D'AGOSTINO, Mário Henrique S. **Geometrias simbólicas da arquitetura: Espaço e ordem visual do Renascimento às Luzes**, Hucitec, São Paulo, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vagalumes**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011. Disponível em: <<http://www.atelierpaulista.com/wp-content/uploads/2014/02/COMPLETO-DIDI-HUBERMAN-Georges-Sobreviv%C3%Aancia-dos-Vaga-lumes.pdf>> Acesso em: 15 dez. 2015.

MATOS, Olgária. **Pórticos e passagens: Walter Benjamin – contratempo e história in Walter Benjamin: experiências históricas e imagens dialéticas**. Organização Carlos Eduardo Jordão Machado, Rubens Machado Jr, Miguel Vedda. São Paulo, Editora Unesp, 2015.

ROUANET, Sergio Paulo. **A Razão nômade e outros viajantes**. Rio de Janeiro, editora UFRJ, 1993.

\_\_\_\_\_. **Édipo e o Anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin**, Tempo Brasileiro, 1981.